

O PAPEL DAS CRIANÇAS NA CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DA CULTURA EM CONTEXTOS NÃO FORMAIS DE MOÇAMBIQUE

THE ROLE OF CHILDREN IN CONSTRUCTION AND RECONSTRUCTION OF CULTURE IN NO FORMAL CONTEXT OF MOZAMBIQUE

EL ROL DE LOS NIÑOS EN LA CONSTRUCCIÓN Y RECONSTRUCCIÓN DE LA CULTURA EN LOS CONTEXTOS NO FORMALES DE MOÇAMBIQUE



Roselete Fagundes de Aviz

Doutorado em Educação/UFSC. Professora da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) | Brasil
E-mail: mpimentel9@gmail.com

REVISTA PEDAGÓGICA

Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da UnoChapecó | ISSN 1984-1566

Universidade Comunitária da Região de Chapecó | Chapecó-SC, Brasil

Como referenciar este artigo: AVIZ, R. F. O papel das crianças na construção e reconstrução da cultura em contextos não formais de Moçambique. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v.17, n.33, p. 89-107, Jul./Dez. 2014.



RESUMO: O presente texto propõe reflexões sobre as vozes das crianças, suas relações com os espaços e lugares existenciais que possuem representações simbólicas. Nas narrativas que as crianças produzem efetuam um trabalho que, incessantemente, transforma lugares em espaços e espaços em lugares. As crianças falam de valores, crenças e costumes que se alteram e se modernizam de acordo com os novos símbolos e informações que adentram a comunidade. Neste sentido, não poderíamos considerar as crianças como indutoras da interpretação e transmissão na comunidade? Pois pela atividade narrativa, é possível efetuar operações estratégicas de (re) invenções de mundos duráveis, pois, mais do que apresentar algo, a narrativa constitui-se como ‘a arte de fazer’: ela não somente mostra, ela faz algo no mundo. Quando se fala da voz de um povo, fala-se de uma miscigenação cultural civilizacional e ética. É nesse fazer que a voz se mostra como canto de um povo. E dentre essas vozes, estão as das crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Voz. Escuta. Criança. Transmissão. Cultura.

ABSTRACT: This paper reflects on children’s voices, their relationships with the spaces and existential places and has symbolic representations. In this narratives they do perform a job that constantly transforms places into spaces and spaces in places. Children speak of values, beliefs and customs that change and modernize according to the new symbols and information that come into the community. Sometimes through the media, sometimes by the arrival of people from another culture or people who left the place and in time return. In this sense, we could not consider children as inducers of interpretation and transmission in the community? For the narrative activity, you can make strategic operations of (re) durable worlds inventions because, rather than presenting something, the narrative is constituted as ‘the art of making’: it not only shows it does something in the world. When speaking voice of a people, there is talk of a cultural miscegenation civilization and ethics. It is in this “make” that the voice appears as the people’s sing. And among these voices are the voices of the children.

KEYWORDS: Voice. Listening. Child. Transmission. Culture.



INTRODUÇÃO

As reflexões a que este texto convida têm origem no desdobramento e aprofundamento de uma investigação sobre a voz como devir. Nela constata-se que a literatura, a filosofia e a arte são instrumentos fundamentais para que a voz reverbere não só na produção de uma composição, mas também no efeito que ela causa. Busca-se destacar a voz como presença, silêncio, escuta, música, testemunho, transmissão e memória. O resultado constitui uma reflexão sobre a viagem e a formação a partir dos movimentos que se concretizam pela escrita tornada voz no rastro traçado num diário de bordo, o qual denominei *Cadernos de Viagem*. O recorte selecionado para o presente texto tem como foco o viver e a vivência da criança em alguns espaços de Moçambique. A partir do entendimento sobre a palavra africana e o lugar da criança em sua transmissão, a abordagem aqui apresentada levará em conta as vozes das crianças, uma vez que em suas vozes ressoam a experiência de ser criança, os significados que elas atribuem as suas próprias ações. Dentre as diversas constatações do trabalho, destaco aquela acerca de viver a cidade de Maputo, sua poesia e seus dramas urbanos, no ano de 2010, e que me trouxe questões de extrema importância relativas ao espaço como lugar praticado (Certeau, 2005). Suas relações com os espaços e lugares existenciais mostram o quanto os lugares que se apresentam como vida a essas crianças, possuem símbolos. Peço licença para trazer à cena alguns fragmentos dos meus *Cadernos de Viagem*, na expectativa de que a narrativa desenhe uma imagem que sirva de abertura no debate que se estabelece entre voz, escuta, criança, transmissão e cultura.

PRIMEIRAS CENAS

No pátio imenso da cidade de Chimoio, em Moçambique crianças recém-chegadas de diferentes localidades do Centro e Norte do país se reúnem em torno de um jovem alto. Elas têm de nove a treze anos, aproximadamente. O adulto propõe o jogo envolvendo dança, contos, conselhos ou canções. Assim, elas entram na brincadeira. Entre riso e muito movimento, as crianças combinam entre si a brincadeira o que querem contar, dançar ou cantar, negociam e distribuem entre si as tarefas enquanto o adulto chama um dos integrantes para apresentar-se diante dos demais.

À frente do grupo aparecem um menino e uma menina. Ao som de tambores percutidos por alguns jovens, as duas crianças entram no desafio. Elas propõem uma a outra diferentes passos a partir do que os tambores tocam.

Às vezes lento, outras rápido até fazer um ritmo muito rápido. As crianças que assistem vibram e sabem que das duas a mais hábil é a vencedora. Depois é a vez de um conto. Um menino traz a história do macaco e do coelho, personagens muito recorrentes na história oral do lugar. Depois é a vez da roda. Primeiramente aparecem as matriarcas movimentando seus corpos. Ao darem alguns passos à frente, uma criança, menina, chega reproduzindo os mesmos movimentos e ali dialogam durante algum tempo, até que um dos corpos dá o sinal de que é a vez de outra matriarca e outra menina entrar. Ao final nosso olhar se estende para o lado. É o momento em que aparecem dois meninos com uma vara em cada mão. Em cima da vara, outro menino vai fazendo os movimentos ao som do tambor. Assim que sai da roda, entra um casal de crianças. Cada casal a seu tempo evolui no centro da roda, passando a vez ao outro em um movimento que lembra a umbigada. (Cadernos de Viagem, julho de 2010)

Essas são algumas notas registradas em um dos Cadernos de Viagem anteriormente citados. Embora o foco da pesquisa desenvolvida em Moçambique não tenha sido voltado às crianças, ao viver a cultura daquele país, durante nove meses, não haveria sentido não dar voz a elas. Como argumenta a antropóloga Ângela Nunes (1999, p. 36), “estudar uma sociedade sem levar em conta como as categorias sócio-etárias que a compõem, entre as quais as crianças, agem e pensam, é, antropologicamente, um estudo incompleto”.

O registro acima foi feito em julho de 2010, no Festival da Cultura que tem duração de uma semana e acontece a cada ano em uma diferente região de Moçambique. A descrição nos oferece a possibilidade de perceber que, embora o pouco que se divulga sobre as crianças dos países africanos, e no que nos interessa neste texto, Moçambique, trata principalmente das ‘crianças órfãs e vulneráveis’, momentos assim dizem que, embora com a colaboração de um adulto, as crianças representam o universo no qual estão inseridas e, dessa forma, apropriam-se, reinterpretem e reconstruam esse universo mostrando outras características que lhe são fundamentais.

Nas cenas observadas, há um discurso que se dá entre os corpos em movimento. Uma aprendizagem que se estabelece na interação dos corpos, no som de palavras às vezes incompreensíveis, no movimento de suas vozes. Fixo minha atenção em todos esses elementos que materializam sentidos. Chama atenção a brincadeira, nem sempre em roda, mas o envolvimento ora de corpos marcados pelo tempo e pela experiência, ora de corpos apenas de crianças. Destaca-se o ritual em todo o seu movimento. O que me

leva a pensar no lugar da criança no *canto do povo de um lugar (Moçambique)*. No canto da palavra africana.

SOBRE A PALAVRA

Paulette Roulon-Doko (2005), em seu texto *O Estatuto da Palavra*, partindo dos seus estudos sobre a oralidade africana, considera que em todas as sociedades existe uma associação estreita entre a palavra e a pessoa humana, manifestada por um ponto de vista fisiológico, e situa a palavra como produção de vários órgãos: fígado e cérebro, dentre outros. Prova disso é quando observamos algumas sociedades a descrever minuciosamente o processo de formação de palavras. Um exemplo bastante característico diz respeito aos estudos de Geneviève Calame-Griaule (1965), divulgados por Bologna (1995), ao mostrar como a palavra Dogon é percebida. Para o pensamento Dogon, segundo Bologna (1995), o mundo inteiro, nascido do ‘ovo dogon’, articula-se em duas grandes categorias: a dos seres que falam a palavra (*Kide sò:sòy*) e a dos seres que não falam a palavra (*kide sò: sò: le*). A criança, o animal, o homem não socializado não possuem *sò*, ou seja, a linguagem articulada. Para os *Dogon*, o que todos os seres vivos e alguns instrumentos musicais têm em comum é, pelo contrário, *mì*: ‘a voz’, bem distinta da *sò*: (que os mesmos instrumentos possuem, por outro lado). Para esse povo, *mì*: é a voz que vive, o som produzido por uma laringe (ou por um mecanismo semelhante simbolicamente aos órgãos da fonação); o termo nunca é aplicado aos sons que sejam puros, ‘rumores’ (*sine*): e desse modo *sine* caracteriza-se por uma rede de oposições relativamente a *mì*: (‘na base de significação’, tanto mais que *sine*) pode indicar uma tagarelice vã ou então uma incompreensível língua estrangeira.

O mesmo autor diz que, no termo *sò*: estão englobados os dois conceitos saussureanos de *langue* e *parole*; *sò*: indica o ‘discurso’, conotando-lhe as circunstâncias por adjetivação. Mas trata-se de uma discursividade ativa, uma vez que no pensamento Dogon ato e palavra estão intimamente ligados e, assim, se chamará ‘fala’ ao resultado da ação, o trabalho, a criação material que dela resulta.

O mesmo ‘pensamento’ é *kine-ne sò: tò* a palavra que está no fígado; ou seja, a palavra interna, íntima ressonância, no corpo, do *mì*: que se articula ritmicamente; “a ‘palavra íntima’ pode transformar-se em verbo sob forma de vapor, e o coração aquecerá então a água da palavra; se o homem se cala, o pâncreas arrefecerá essa água, que permanece no indivíduo em estado líquido”(Calame; Graule. *in*: Bologna, 1987, p.74). Significa dizer que, desde o princípio, há uma melodia, uma correspondência com grupos normais de respiração que será a voz.

Percebemos tal semelhança de ligação entre a palavra e a pessoa humana, com os povos *Bantu*, para os quais

existe uma ligação muito forte entre o povo em si (pessoas) e o nome pelo qual este povo é conhecido: Bantu. Bantu significa pessoas, é plural de *muthu* (pessoa). Então, esse povo é o povo ‘pessoas’.

Ainda sobre a questão Bantu e, falando particularmente do povo *Changana*, que habita principalmente a zona sul de Moçambique, verifica-se entre o grupo a ligação entre a palavra (falada pelos *Changana*) e eles em si, como pessoas. Nessa tradição, só é pessoa quem já possui um nome. Enquanto não possuir um nome, é ‘peçoinha’. Ora vejamos: nessa tradição pessoa é *munhu* (o que corresponde a *muthu*) e pessoas *vanhu* (correspondente a *batu/bantu*). Por exemplo, quando um bebê nasce, é considerado *ximunhwani* (pessoa pequena), ou *xin’wanani* (criancinha), até o dia em que esse bebê recebe um nome e passa a ser *munhu* (pessoa) ou *n’wana* (criança).

Como não deixaríamos de referir, há também o aspecto voz e palavra na tradição *Changana*. Nessa tradição, voz e palavra designam-se *rito*. E *rito* não só designa voz e palavra, mas também o direito à palavra, direito à resposta, à opinião.

A ARTE DA PALAVRA

Para as culturas orais africanas, há um estatuto diversificado da palavra, porque falar não é apenas pôr as palavras em ordem. Existe um nível ordinário da palavra ao qual, segundo Roulon-Doko (2005), os *Gbaya*, por exemplo, denominam de “palavra simples”, *géé wèn*, por oposição à palavra elaborada, dita “palavra profunda”, *dúká wèn*, em que é necessário procurar o sentido para além das palavras. Segundo a mesma autora, para os *Gbaya*:

nem todos os elementos do discurso são portadores da intenção real que subentende o conjunto. O receptor deve saber destringer as ‘palavras vazias’ *pàyá wèn* ‘palavras/dejetos’ para colocar a nu os elementos que uma reflexão atenta lhe permitirá então compreender. O locutor prepara esta palavra, cuida que ela ganhe ‘sabor’ e para fazer isto coloca ‘palavras piladas’ *tó wèn*, isto é, certos provérbios.

O que Roulon-Doko (2005) faz questão de assinalar é que a aquisição desses processos se faz desde a infância, quando as crianças decodificam palavras invertidas, voluntariamente misturadas *yúkútá wèn* (misturar/palavra). À criança que dá os primeiros passos diz-se ‘não olhes para frente’; e a uma a quem se manda comprar tabaco

diz-se “não te esqueças de brincar muito antes de voltar”. Tudo isso para dizer que, nessa sociedade, todos têm acesso à palavra e cada um é, por esta razão, responsável por aquelas por si produzidas. Assim é que se considera, de uma forma geral, que é muito importante “não envergonhar ninguém, uma palavra não deve envergonhar as outras, donde o desenvolvimento de palavras culturalmente valorizadas como as ‘palavras piladas’, que permitem exprimir um ponto de vista sem tomar partido ou privilegiar um sentido (ROULON-DOKO, 2005, p. 23).”

Essa noção de palavra em movimento, palavra transviada, palavra oblíqua, discurso escondido é uma noção que, segundo Roulon-Doko (2005), encontra-se em muitas culturas. A autora assinala a “ironia” *jáyre* entre os Dogon, que utilizam entre si os elementos de um casal para se recriminarem um ao outro, que “consiste em ‘brincar, afirmando o contrário da realidade. Assim, se o prato está muito salgado, o marido perguntará: ainda há sal no saleiro?’ Este processo visa a desanuviar a situação provocando o riso” (p.22).

O fenômeno ocorre também entre os *changana*. Há sempre uma tentativa de suavizar a realidade de modo a evitar situações constrangedoras, sobretudo entre os casais. Nesta cultura, geralmente são as mulheres que cozinham. Então, se ao provar a comida o marido percebe que a comida está muito salgada, dirá, dirigindo-se à mulher, num tom humorístico e irônico: “mãe, hoje a comida não tem sal,” ou “tem pouco sal.” E isso vai variando. Se a comida for frequentemente salgada, o humor em volta disso começa a desaparecer e o marido começa a dizer (já próximo da realidade): “mãe, hoje a comida tem um pouco de sal a mais.”

Entre os *Zandé* da África Central, existe um procedimento chamado *sanza* que, segundo Roulon-Doko (2005, p.23), “é a manifestação mais reveladora da linguagem indireta: trata-se de esconder exprimindo ao mesmo tempo [...]. O *sanza* é elaborado em e para uma situação particular.” Acontece o mesmo com os *Peuls*, para os quais o velamento da palavra, segundo a autora, é um critério de decência: “a prática do *mallo/mallude* ‘falar por alusão’ bem como a descrição, fazem parte das virtudes fundamentais do ‘código de costumes peul’ *pulaaku*, o qual faz referência à maneira de ser e de se comportar consideradas como distintas e ideais.” De uma forma geral, o que mais nos interessa, no que Roulon-Doko (2005) expõe sobre a palavra nas sociedades africanas, é que sua aprendizagem está estritamente vinculada à sua transmissão, ao que está para além da palavra em si, está na confusão do ser humano com sua palavra. O que percebemos em toda a exposição de Roulon-Doko (2005) é que o Estatuto da Palavra para os povos africanos é bem mais um fato de audição que de elocução: isso os diferencia

ou aproxima de grupo para grupo. Fora de “casa”, a primeira palavra o aponta, o situa inteiramente e o expõe com toda a sua história. Esse aprendizado insiste em dizer que existem maneiras que fortalecem ou levam ao fracasso o transmitir quando seu objetivo é só repetir na forma literal do termo.

O que a tradição oral nos desafia a perceber é que existe uma palavra, mas existe também sua forma e qualidade, na qual a pessoa está integrada. Um movimento. “Um certo desvio da maneira mais direta, útil, insensível de se expressar e ser no mundo.” (Sontag, 1987, p. 49). O que para essas culturas significa que falar uma língua não é suficiente, falar uma língua não pode estar restrito a um campo linguístico. Nessa percepção, a palavra vira convocação para sair da língua e escutar sonhos, medos, alegrias, tristezas, desejos e derrotas de outras pessoas do mesmo modo em que elas põem-se a escutar as nossas. No entanto, o que importa não é o que está sendo dito, mas o recolhimento na intimidade do encontro daquilo que fica por dizer para que o dizer não se acabe nem se (de)termine.

No que se refere às crianças que encontrei em Maputo, como empreender uma escuta no contexto da palavra e de sua transmissão feita por elas? No que essa escuta pode diferir? Que sentidos pode trazer à transmissão?

Um dos autores que empreende um interessante estudo sobre a voz é o moçambicano Noa (2002). Embora seu trabalho não seja especificamente referente às crianças, o que nos chama a atenção nas suas análises, quando põe em evidência elementos como espaço, tempo e vozes é a atenção que o autor dispensa aos encontros evidenciados nas narrativas. E o encontro é um dos mais significativos *cronotopos (tempo-espaço)* analisados por Bakhtin, como também, a nosso ver, indispensável ao estudo da voz. Ao estudar o processo de desenvolvimento do *cronotopo*, nos diferentes gêneros do romance, na literatura desde a antiguidade, Bakhtin abre parênteses a um aspecto de fundamental importância para nosso trabalho: o *motivo do encontro*. Assim, trazemos o *motivo* para pensar *O canto do povo de um lugar (Moçambique) nas vozes das crianças*, já que se caracteriza como o lugar de encontro de interlocutores em situações de interação em contexto de voz/escuta. Esse *encontro*, como argumenta Bakhtin, é cercado pela diversidade de ‘imprevistos’ ou ‘surpresas’. A observação da realidade de Maputo mostra a presença da criança em espaços diversificados, ocupando diferentes lugares. É assim que apresentamos alguns recortes de cenas de *encontros* com crianças pelos caminhos que o trabalho em Moçambique nos proporcionou trilhar.

O MOTIVO DO ENCONTRO

Cena 1

Ainda não são nove horas da manhã. Estou a circular pelas ruas do bairro Aeroporto. Encontro três crianças que de

longe acenam para mim. Peço a Bitó, o condutor, que pare a Xoupela¹. Aproximo-me delas:

- Bom dia? Dormiram bem?

- Sim. - Respondem em coro.

- Como te chamas? Pergunto à menina de apenas três anos.

- Riso.

- Cecília (3 anos). Responde o irmão mais velho.

Eu:- Cecília. Que nome bonito! E o seu? Pergunto ao mais velho.

- Pedro (8 anos) e Mariano (6 anos), apontando ao mais novo.

- Vocês estão a brincar?

- Ela está a tomar leite antes de matabichar.² Estou a cuidar da banca e dos meus irmãos mais novos.

- E onde está a mamá? Pergunto.

- Aponta para casa.

- Ah, então quando chega alguém tu vais chamar a mamá? Pergunto.

Pedro: - Sim.

Eu:- Já. Então, vocês podem ficar a brincar enquanto não chega cliente?

Pedro: - Sim.

(Cadernos de Viagem, 07 de abril de 2010)

1 Meio de transporte com a força característica de uma lambreta. É coberto e aberto nas laterais. Geralmente leva duas pessoas, além do condutor, veículo muito recorrente nas paisagens indianas.

2 Pequena refeição servida geralmente às 10h da manhã cujo nome popular é matabicho.

Cena 2

Chegamos ao pátio da casa onde acontecia a celebração.

Augusto estava sentado à frente da máquina de cerveja. Foi ele quem me viu primeiro e veio me cumprimentar.

- Olá, Rose. Como tens passado?

- Oi, Augusto. Eu não tinha te visto. Também estás aqui?

Augusto tem 13 anos. Explicou-me que aquela era a casa de um dos seus tios. Fui com ele até a máquina de cerveja porque queria saber qual seria sua tarefa naquele dia. Explicou-me cada passo.

Depois, disse-lhe que o deixaria atender as pessoas que se aproximavam para encher os copos.

Contente com a minha presença comentou:

- Estás a ver? Eu sabia que hoje hei de ter um dia de sorte.

Dei-lhe um abraço.

(Cadernos de Viagem, 16 de agosto de 2010)

Com a vivência durante nove meses em Moçambique, percebi que a boa disposição de uma pessoa em seu dia tem a ver com uma boa noite de sono/sonhos. Por isso, uma interessante maneira de chegar às crianças é lhes perguntando sobre seu sono, como ficou registrada em minha abordagem às crianças da cena 1.

Os sonhos têm um significado muito forte para a cultura moçambicana e as crianças o sabem muito bem. A expressão de Augusto *hei de ter um dia de sorte* pode estar relacionada à sua boa disposição ao acordar. Além de estar em uma cerimônia muito significativa para as famílias daquele lugar, um dia de homenagem a uma pessoa falecida, dia de celebração em que familiares e amigos do falecido se encontram para lembrá-lo, comendo e bebendo, Augusto demonstra alegria em me ver. Sabe que sou bem-vinda na família e por isso também expressa seu contentamento. E relaciona nosso encontro à sua sorte naquele dia.

O que essa cena nos permite observar são ecos do imaginário bantu. O envolvimento das crianças com as gerações anteriores. As ações de Augusto são relativas ao insólito. O sonho vai fazer com que as pessoas ajam de uma maneira diferente, caso ele seja esquisito. Tais considerações trazem à discussão o que é forte na cultura moçambicana: os vivos vão agindo sempre pela vontade dos mortos, fazem referência a esse universo, ideias que durante a colonização foram furtadas pela racionalidade do colonizador.

Os vestígios da voz de Augusto mostram que as crianças sabem que os mortos voltam, além de que se conversa com os antepassados. Nesse sentido, trazem de volta o mitológico do povo moçambicano, o sagrado, exatamente para novamente provocar e produzir o social e cultural.

Vale ressaltar também que tudo ocorre sem que se diga diretamente, mas sim em ‘palavras transviadas’, comprovando aspectos como os que discutimos acima, quando tratamos sobre a *arte da palavra* no universo africano, especialmente para pensar que a criança tem acesso à palavra.

Cena 3

Maninho tem quatro anos, está sentado na calçada choroso quando seu irmão mais velho se aproxima:

- Sabe brincar com os grandes, você? –
Pergunta Paulino (13 anos), pensando ter

acontecido alguma confusão.

Agachei-me e fiz um afago em sua cabeça, perguntando-lhe se podia me contar o que aconteceu.

Ed.: - Qué Serena! Qué Serena!

Eu: Serena não está mais a brincar? - Pergunto.

Ed. Mh³.

Só então entendi. Ela estava tão triste quanto ele quando passou por nós, minutos antes, sendo levada pelas mãos da mãe.

Serena estava toda empolgada com a brincadeira de esconde-esconde com os amigos do condomínio, algo que acontecia quase todos os dias ao final da tarde antes de escurecer.

Mas naquele dia, sua mãe não podia ficar na parte externa da casa como fazia nos raros dias que permitia que a menina participasse da brincadeira, então preferiu levá-la para dentro de casa. A menina choramingava ao ser levada pela mãe. De tudo o que pude ouvir das explicações da mãe à filha “tatá mamã”⁴ era a expressão mais repetida.

(Cadernos de Viagem, 16 de maio de 2010)

3 Expressão em língua changana ou ronga, faladas no Sul de Moçambique.

4 A expressão está relacionada aos raptos de crianças à África do Sul. Foi a única vez que a ouvi em minha permanência no país e pela boca de um adulto. Um adulto que tinha sérios problemas ainda resultantes dos traumas da guerra. Pelo que pude observar, esse não parecia ser um fenômeno que causasse medo às crianças ou aos adultos porque, especialmente durante o dia, era comum o trânsito de crianças sem a presença de adultos pelas ruas, bem como a permanência delas na parte externa das casas.

Paulino também é uma criança. Uma criança que ocupa um lugar diferente do irmão. Uma criança que aponta um lugar a outra criança: o lugar da palavra na língua. Mesmo que o português falado em Moçambique tenha toda a característica do português de Portugal, em alguns momentos, ouvindo bem, vemos a recorrência de uma língua própria, que tem sua base na *arte da palavra africana* e esse aspecto é bastante recorrente na fala das crianças. Há na fala moçambicana, desde as crianças, a recorrência de perguntas retóricas. As perguntas retóricas carregam dois aspectos, por um lado, o direito à resposta, por outro, a mudança de um padrão pré-estabelecido, introduzindo na língua uma nova forma.

Ao ouvirmos crianças contando histórias no relato que fizemos na primeira cena que abre este texto, vimos o quanto as perguntas retóricas fazem parte da estrutura narrativa de alguns contos. Elas são realizadas para que os ouvintes participem da narrativa. E algumas perguntas têm exatamente a mesma estrutura da pergunta daquela que Paulino faz ao irmão menor: *Sabe brincar com os grandes, você?*

Na cena observada, ao questionar a possibilidade de contar, ao questionar se haveria possibilidade de que aquilo que vai contar seja digno de crédito, cria-se uma nova forma de contar a história. Esse trabalho com a linguagem

é o que se destaca nessa cena e captura o pesquisador com uma força sem igual, porque essa transmissão contagia qualquer um que a ouve. Nesse sentido, que lugar apontam a criança mais velha, o adulto e toda a comunidade às crianças mais novas e de que modo essas se apossam dessa tradição e reconfiguram saberes e identidades?

O que a cena acima nos leva a pensar não é na história que será contada por Maninho, embora ele tenha uma interessante história para contar, mas as estratégias utilizadas para produzir essa história que gerou a cena. Não seria essa a grande lição que o *estatuto da palavra africana* pode proporcionar?

Ao se apropriarem de elementos estruturais de suas línguas locais para falar a língua deixada pelo colonizador e apontar esse lugar à criança, não estariam nos indicando uma ideia de transmissão para além da repetição, como rearticulação, uma tradição como tradução? Que lugares tomam as crianças para si nesse contexto?

Cena 4

À tardinha estávamos caminhando distraídas, Fernanda e eu, pelas ruas do bairro Machaquene. Íamos ao curandeiro fazer nossa entrevista, pois havíamos agendado há dias. A rua estava cheia de crianças a brincar. E um grupo, especialmente, chamou-nos a atenção. Elas já haviam nos avistado de longe e só notamos porque davam muitas gargalhadas:

Eram mais ou menos oito crianças em cima de uma ‘carçaça’ de carrinho de bebê. A cena era realmente incrível!

Crianças: - Baixa!⁵ Baixa! E caíam na gargalhada.

Fernanda: - Ah, este chapa vai para a Baixa?

Eu: - Mas será que ainda há lugar para nós duas?

- Anda cá. Fala Belinha (a mais velha das meninas), indicando o colo.

Rimos todos enquanto explicávamos que não podíamos ir para a Baixa naquele momento porque tínhamos um compromisso muito importante. Mas prometemos que voltaríamos para pegar o chapa para retornarmos a casa. Perguntamos se ainda teria chapa ao retornarmos.

- Sim! Às seis. É só esperar na paragem⁶. Responde Manuel. E todas caem na gargalhada.

(Cadernos de Viagem, 23 de outubro de 2010)

5 Referente ao ‘centro’ da cidade de Maputo.

6 Referente a ponto de ônibus.

Se por um lado podemos observar como as crianças se apropriam, reinterpretam e reconstróem a realidade social

em que vivem, nesse caso, representando a precariedade do transporte público insuficiente para atender toda a população, e a naturalização em Maputo da utilização dos *chapas*⁷ como principal meio de transporte da população de baixa renda, por outro, elas denunciam a falta de lugar para elas nos bairros de periferia da grande cidade. Diferentemente do campo ou bairros mais afastados, em que os quintais das casas são imensos e cheios de árvores, em bairros de periferia como *Machaquene*, *Polana Caniço*, dentre outros, qualquer canto pode ser caracterizado como lugar de criança.

Cena 5

Durante alguns dias desta semana adentrei ao portão do bairro Polana Caniço. Quantas crianças a brincar espalhadas pelas ruas de areia! Brincadeiras que me fazem lembrar dos tempos de criança no terreno grande de areia da casa dos meus avós paternos. Embora essas crianças já não disponham de grandes quintais para as suas brincadeiras, brincam espalhadas pelas ruas estreitas.

Cheguei ao grupo que fazia sua escultura na areia, sentei-me e começamos a conversa. Então perguntei:

- Estão a construir um castelo?

- Não. Responderam em coro.

Felício, então, tenta me explicar:

- Estamos a construir um esconderijo para **Ben Ten**.

E aproveita para me perguntar:

- Foste tu que passaste outro dia na casa da mana Angelina?

- Ah, sim. Eu mesma.

- Estás a ver? Não te disse que era ela? Diz Felício ao Carlos. Eu sabia que passaste aqui. Vi-te, naquele dia, eu estava a voltar da escola.

(Cadernos de Viagem, 26 de outubro de 2010)

Cena 6

Ainda no bairro Polana Caniço, encontro Bernadete, Jorge e Francisco.

- Posso assistir convosco? Pergunto.

Ninguém responde, só sorriem.

- O que vocês estão a assistir?

Todos ficam em silêncio. Bernadete, porém, coloca a mão na cabeça como se precisasse pensar. Depois de um tempo responde:

- Quero assistir Mutantes, mas a televisão está a falhar.

Só então compreendi que, de brincadeira, Jorge e Francisco eram os técnicos chamados por Bernadete para porem sua TV a funcionar.

(Cadernos de Viagem, 26 de outubro de 2010)

Cena 7

No pátio da escola, encontro Antônio (12 anos):

- Bom dia, senhora professora.

- Bom dia. Como é o teu nome?

- Antônio, e tu?

- Rose. Sou pesquisadora brasileira e vim visitar tua escola em companhia do pessoal da Secretaria da Educação.

- Obrigado. Eu sou moçambicano e gostaria de ir-vos visitar no Brasil.

- É mesmo? Olha, serás muito bem-vindo!

- Vou convidar um dos meus colegas (indica o colega com um largo sorriso).

- Ah, sim. Bom dia, como te chamas?

- Mateus. (13 anos)

Sem que eu esperasse, começam então um jogo, como se encenassem:

Antônio: - Então, iremos ao Brasil. Havemos de ficar em um hotel.

Mateus: - Eu gostaria de ir à casa de dona Preta.

Antônio: - Ah, dona Preta, havemos de conhecer.

Eu: - E quem é dona Preta? Pergunto.

- Dona Preta de Paco, interfere Mateus.

Eu: - Ah, a Taís Araújo?

- Sim, respondem em coro.

- Vocês assistem a essa novela? Pergunto.

Mateus: - Agora assistimos Mutantes. Eu gostaria de conhecer a ilha dos Mutantes. Eu gostaria de ver os Mutantes, pá, ao vivo.

(Cadernos de Viagem, 25 de agosto de 2010)

Nas cenas 5, 6 e 7, temos uma pequena amostra do significado da TV às crianças moçambicanas e o quanto sua audiência é ativa. Diferentemente de outros lugares, as crianças moçambicanas assistem aos programas

coletivamente. Talvez isso explique tanta referência às telenovelas ou programas do gênero. A televisão faz parte do cotidiano das crianças e, especialmente na cidade, é quem conta-lhes histórias, povoa sua imaginação. Em geral é especialmente à noite, após o jantar, o momento em que assistem com mais frequência. É muito comum encontrar crianças que pela televisão conhecem paisagens, pessoas, acontecimentos referentes ao Brasil que somente pela TV lhes eram possíveis conhecer.

Cena 8

Estávamos, Nino e eu, nas ruas do bairro Machaquene quando encontramos Mércia (12 anos):

- Olá, Rose, andas desaparecida.

Explico-lhe que estive bastante atarefada porque em breve terei de retornar ao Brasil.

O bidão¹ de água na cabeça já dizia de onde ela estava vindo, mas ela faz questão de dizer.

- Estava a tirar água.

- Fica longe daqui? Pergunto.

- Não muito. Fica aqui mesmo nesta zona. Responde.

Explica-me que terá de ir porque atrasou ao buscar água, ainda precisava lavar a “loiça” e engomar a roupa do irmão que irá à escola.

- Havia muita gente para pegar água? Pergunto.

- Não muita. Responde.

Prometo-lhe aparecer em sua casa assim que puder e envio lembranças à sua irmã da qual participei do casamento.

- Hei de dizer, hei de dizer. Falava ao nos despedirmos.

Na volta, Nino me levou ao local onde Mércia tira água. Naquele bairro, assim como na maioria dos bairros da periferia de Maputo, não há água encanada. As mulheres e crianças, particularmente as meninas, abastecem as suas casas. Ao chegarmos ao local havia duas senhoras a tirar água e três meninas de 11/12 anos em uma rodinha a esperar, a conversar animadamente. Em uma das mãos estava o bidão na outra o último pedacinho de manga verde com sal que ainda restava.

(Cadernos de Viagem, 09 de dezembro de 2010)

Os estudos que empreendi em países africanos, como Moçambique, mostraram-se significativos também no

1 Referente a galão próprio para carregar água.

sentido de descolonizar o olhar. O encontro com Mércia estava longe de me causar qualquer sentimento de piedade. Pelo contrário. E ao chegar ao local do motivo do atraso de Mércia para as outras tarefas que a menina teria de executar naquele dia, uma vez que sua mãe ficava o dia todo fora e era ela a mais velha dos três irmãos que ainda estavam em casa, compreendi o quanto aquele espaço era significativo para elas porque era um espaço onde eram estabelecidas outras relações sociais. Porém, teria eu a mesma impressão se, em meu país, visse uma imagem produzida pelas mídias de massa sobre a mesma cena? Que significados as crianças africanas (moçambicanas) dão às suas experiências nos diferentes lugares em que transitam para a realização de suas tarefas em seu dia a dia? Que significados as crianças africanas (moçambicanas) dariam às imagens que as mídias de massa produzem sobre elas?

Como vimos, há no *estatuto da palavra africana*, em especial na *arte da palavra*, um ‘mandamento’: ‘não te esqueças de brincar muito ao voltar.’ Não poderia ser esse um convite para olharmos melhor? Um momento de escutar melhor?

Foto 1. Brincar de chapa⁸



Foto 2. Brincar de TV⁹



Cena 9

Encontrei Alberto puxando seu carrinho de arame. Assim que nos olhamos ele agachou-se e demorava-se a levantar. Seu olhar parecia preocupado.

- Precisa de ajuda? Pergunto.

Ele segue calado.

- Será que estragou? Pergunto.

Silêncio.

Tento tecer uma conversa.

8 Fonte: Acervo da autora (23/10/2010)

9 Fonte: Acervo da autora (26/10/2010)

Sabia que eu conheço um vovô que gosta muito de fazer esses carrinhos com as crianças? É o vovô Malangatana, você o conhece?

Silêncio.

Sentei-me na calçada e comecei a observá-lo. De vez em quando levantava o olhar e me olhava simpaticamente. Em determinado momento estendeu o carrinho para mim. Com o olhar dizia o que pretendia fazer. Tentava colocar para funcionar o carrinho que ele próprio confeccionara. Tentei desengatar um dos arames que prendia a roda. E assim ficamos, durante mais ou menos vinte minutos. Ele voltou a mexer no carrinho e eu a olhar até que deu certo. Quando levantou, olhou-me pela última vez e seguiu puxando seu carrinho de arame.

De longe vi seu irmão a lhe chamar.

- Já estou a ir. Limitou-se em dizer.

Lembrei-me do que me falara Mía Couto.

Talvez, naquele momento, as palavras de Alberto estivessem para além da fala.

(Cadernos de Viagem 06 de dezembro, 2010)

A riqueza desses encontros com as crianças permite compreender o silêncio na cultura moçambicana como voz. Muito mais do que a sonoridade, a cultura moçambicana é a cultura do silêncio. Não um silêncio como falta, mas como pausa, como criação. Para mim que vinha de um contexto em que o estar calado significa uma falta de habilidade, um estigma, uma doença, o lugar de quem não tem lugar, agora tinha de aprender com as crianças que ‘estar calado requer muita prática’¹⁰. Esse lugar que criamos ao saber estar calado é uma maneira de nos tornarmos presentes.

10 Mía Couto

Mía Couto dizia-me em nossas conversas sobre o silêncio:

Há muito que se pode explicar no lado africano do qual faz parte Moçambique que vem pelo lado religioso, que é uma coisa tão funda, é uma coisa tão para além dos sistemas sociais, circunstanciais temporais que têm de vir de muito, muito antigo. E esse muito antigo é o lado religioso. Essa religião com o lado oculto, com o lado invisível... a voz é uma variedade do silêncio. O ser escritor me faz perceber que a palavra não serve pra tudo. Há momentos que tu só podes falar com o silêncio. E há intimidades que tu só crias com o silêncio. (Cadernos de Viagem, 04 de novembro, de 2010)

Mia Couto fala do quanto estar no espaço moçambicano quando menino lhe foi significativo, uma vez que essa relação com o silêncio foi nele construída, particularmente por ele estar inserido nesse espaço. O encontro com Alberto e outras crianças mostra esse processo de construção do silêncio vindo de uma anterioridade também construída. Assim, indica mais um dos lugares da criança moçambicana.

CONSIDERAÇÕES: IMAGINANDO OUTROS ENCONTROS

Nesta experiência, os cadernos de viagem (ou diários) podem nos remeter a novos encontros e novas fugas porque escrever, assim como a voz, é um caso de devir: “sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida.” (Deleuze, *in*: Gallo, 2008, epígrafe da obra). Mas é preciso lembrar que, neste texto, os Cadernos de Viagem se apresentam como escrita: agenciamento singular nunca individual porque o que nessa escrita se expressa faz parte de muitos e só pode ser visto como um se for identificado também por parte do todo coletivo. Como seria isso possível sem o exercício da atenção, de uma escuta nômade para capturar instantes? Em se tratando da escuta da voz da criança, no que essa escuta pode diferir?

As crianças moçambicanas mostram que tem lugar. Transitando por diversos espaços e lugares compõem suas narrativas nos diferentes lugares que ocupam. Assim, tecem seu cotidiano na voz que ora se faz som, ora silêncio, ora ecoa valores que ressignificam de acordo com os novos símbolos com os quais se encontram. Elas também são as responsáveis pela transmissão, uma transmissão que não está preocupada com o que existe para saber, ou para responder, ou para pensar, ou para dizer, ou ainda para fazer, mas sim “a co-(i)mplicação cúmplice no aprender daqueles que se encontram no comum da comunicabilidade.” (Larrosa, 2003, p.143). Ou ainda, comum em que tudo pode ser de todos, mas que todos não podem ser um. Na voz das crianças moçambicanas a trans-missão é missão que passa, ao colocar em jogo a ligação com a linguagem.

Por tudo isso, este texto se caracteriza como um convite. E nas palavras de Derrida: “deve-se ter sempre a liberdade de não responder a um convite”. (Derrida, 1995, p. 34). Um convite a escutar as vozes das crianças. E em se tratando das crianças africanas (moçambicanas), o convite se faz aos pesquisadores que queiram escutá-las e tornar visíveis as experiências do cotidiano delas para que assim possamos vislumbrar pistas de trabalhos que ajudem não só o mundo, mas seu próprio país a conhecê-las melhor e a olhar melhor para elas.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética – a teoria do romance**. Trad. Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BARBER, Karin. A oralidade, um modo de civilização. In: LAFKIOUI, Mena; MEROLLA, Daniela. **Oralité et nouvelles dimensions de l'Oralité**: Intersections théoriques et comparaisons des matériaux dans les études africaines. Trad. de Teresa Noronha. Inalco – Paris; Publications Langues O', 2005.

BARTHES, Roland. **O Grão da Voz**: entrevistas, 1961-1980. Trad. Mário Laranjeiras. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BAUMGARDT, Ursula. A Performance. In: LAFKIOUI, Mena; MEROLLA, Daniela. **Oralité et nouvelles dimensions de l'Oralité**: Intersections théoriques et comparaisons des matériaux dans les études africaines. Trad. de Teresa Noronha. Inalco – Paris; Publications Langues O', 2005.

BOLOGNA, Conrado. Voz. In: Enciclopédia Einaudi. **Escrito, argumentação**. vol. XI. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1987.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: 1. Artes de Fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

COLONNA, Elena. O lugar das crianças nos estudos africanos, Reflexões a partir de uma investigação com crianças em Moçambique. In: MWEWA, Muleka (org.). **África e suas diásporas**: olhares interdisciplinares. São Leopoldo: Nova Harmonia: 2008.

DERRIDA, Jacques. **Paixões**. Trad. Lóris Z. Machado. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995.

GALLO, Sílvio. **Deleuze e a Educação**. 2ª. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

JUNOD, Henri. A. **Usos e Costumes dos Bantu V. I: Vida Social**. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique, 1996.

JUNOD, Henri.. **Usos e Costume dos Bantu. V. II: Vida Mental**. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique, 1996.

LOPES, José de Sousa Miguel. **Cultura Acústica e Letramento em Moçambique**: em busca de fundamentos antropológicos para uma educação intercultural. São Paulo: EDUC, 2004.

NOA, Francisco. **Império, Mito e Miopia**: Moçambique como Invenção Literária. Lisboa: Caminho, 2002.

NUNES, Ângela. **A Sociedade das Crianças Aúwe-Xavante**: por uma antropologia da criança. Instituto de Inovação Educacional, Lisboa, 1999.

ROLON-DOKO, Paulette. O Estatuto da Palavra. In: LAFKIOUI, Mena; MEROLLA, Daniela. **Oralité et nouvelles dimensions de l'Oralité**: Intersections théoriques et comparaisons des matériaux dans les études africaines. Trad. de Teresa Noronha. Inalco – Paris; Publications Langues O', 2005.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Sociologia da Infância**: Correntes e Influências. Cadernos do Noroeste. Série Sociológica, 13 (2), 2000.